

Conheci Lila Ripoll por volta dos anos 40. Era pianista, professora de piano e maestrina de uma banda de música. Tinha 35 anos quando o nosso comum amigo Ovídio Chaves disse-me: “Sabes? a Florzinha” (nós lhe dávamos o apelido de Florzinha porque ela era uma criatura muito meiga, muito sensível), “a Florzinha me confessou que estava sentindo umas coisas que só podiam ser ditas em poemas. Eu então” (continuou Ovídio), “ensinei-lhe a forma métrica mais fácil, que é das trovas populares”. Isto explica porque os poemas de Lila são quase todos escritos nos chamados “versos menores”, mas a poesia deles é grande.

Muito tímida, tinha medo de mostrar-me os seus poemas, pois eu sempre dizia o que pensava quando alguém me mostrava seus versos. De modo que foi o Ovídio quem me deu a conhecer o primeiro poema de Lila: “Piedade para os meus mortos”, que é nada mais nada menos que um dos grandes poemas da poesia lírica brasileira. Disse eu a Ovídio: “E tu ainda me vens com esses ares protetores pra cima da Florzinha! Quem te dera um poema como esse!” Ovídio concordou.

Quando Lila escreveu um número suficiente de poemas, creio que foi seu conterrâneo Cyro Martins quem a levou num concurso da Academia Brasileira de Letras. Ganhou o primeiro prêmio.

Estas as recordações que eu tenho de Lila Ripoll, grande poeta, grande amiga e uma das grandes saudades da minha vida.

(MÁRIO QUINTANA, Porto Alegre, novembro de 1986)

**Prêmio LILA RIPOLL
de poesia**

Poesias vencedoras - 2007

R585p Rio Grande do Sul. Assembléia Legislativa.
Prêmio Lila Ripoll de poesia : poesias vencedoras 2007. –
Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. — Porto
Alegre : CORAG, 2007.
58 p. ; il.

Publicação do Gabinete do Deputado Raul Carrion

1. Literatura gaúcha - Poesia. 2. Rio Grande do Sul. 3. Raul
Carrion. III. Título.

CDU: 869.0(816.5)-1

Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul
Praça Marechal Deodoro, 1001, 10º andar, sala 1005
Fone: 3210-2164 / Fax: 3210-2163
Jornalista responsável: Isabela Soares (MTb 8306)
Capa: Gustavo Cossio - Divisão de Comunicação Visual - ALERS
e-mail raul.carrion@al.rs.gov.br

ÍNDICE

Apresentação	7
Lila Ripoll - Poeta da Resistência e da Esperança	8
Lila Ripoll - Vida e Obra	10
Poesias Vencedoras	14
Poesias de Lila Ripoll	31
Comissão Julgadora	35
Fotos	39

APRESENTAÇÃO

Este não é apenas um livro de poesias. É, principalmente, um ponto de muitos encontros. Aqui se encontram, através de suas obras, os poetas reconhecidos no certame que leva o nome de nossa admirável Lila Ripoll. Aqui a Assembléia Legislativa, que, em feliz inspiração decidiu promovê-lo, se encontra com a sociedade gaúcha numa preciosa forma literária. Aqui poemas de vários autores selecionados se misturam em variedade de inspirações e estilos. E aqui o leitor destas páginas se encontra com a palavra em estado tão puro quanto belo.

A poesia nos seqüestra de uma realidade para outra realidade superior, transportando-nos entre espaços e tempos sob o impulso mágico da inspiração. Nada melhor do que ela, portanto, para realizar na mente humana a obra estética sob o cinzel do verbo.

Em ainda outras palavras, podemos afirmar que a poesia é uma revolta da natureza humana contra tudo que a limita. Vivêssemos sob as leis da poesia, seríamos melhores do que somos, mais sensíveis, mais generosos, mais apaixonados.

A Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul concede estes prêmios com a certeza de estar a serviço da Cultura da nossa gente. Em nome da Casa, agradeço à comissão julgadora, congratulo-me com os agraciados e convido os leitores destas páginas a se encontrarem com a poesia existente em si mesmos.

Palácio Farroupilha, setembro de 2007.

Deputado Frederico Antunes

Presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul

LILA RIPOLL – POETA DA RESISTÊNCIA E DA ESPERANÇA

Retomar o Prêmio Lila Ripoll de Poesia da Assembléia Legislativa - neste ano em que registramos 40 anos do seu falecimento -, foi para mim, uma espécie de dever com a grande Poeta Lila Ripoll e com a Cultura do Rio Grande do Sul.

Ao iniciar esta apresentação, não posso deixar de lembrar que este prêmio foi uma iniciativa da então Deputada Jussara Cony, gestado no ano de 2003 com o Projeto “Mulheres Poetando” – coletânea de Poemas escritos por servidoras da ALERS – que inclusive teve uma Sessão de Autógrafos na Feira do Livro de Porto Alegre, no ano de 2003.

O Prêmio Lila Ripoll de Poesia foi instituído pela Resolução nº2.910, de 5 de julho de 2004, e regulamentado pela Resolução de Mesa nº640/2005. Sua primeira edição contou com 195 poemas inscritos e a entrega dos prêmios ocorreu no dia 12 de agosto de 2005, data em que Lila completaria 100 anos.

Nesta segunda edição, contamos com 198 inscrições, mulheres e homens que, como Lila, procuram fazer da poesia uma ferramenta de luta por um mundo mais justo e mais humano.

Lila marcou os anos 40 do Século XX como principal presença literária feminina no Rio Grande do Sul, tendo publicado, até os anos 60, sete livros de poesia. Segundo Regina Zilberman (1985, p.79), na época ela foi a “mais ativa figura de seu sexo nos meios literários”.

No seu primeiro livro, intitulado “De Mãos Postas” (1938), Lila se apresenta plenamente, com o poema “Vim ao Mundo em Agosto”: *Sou triste de nascença e sem remédio. Vim ao mundo no triste mês de agosto o mês fatal das chuvas e do tédio. E nasci quando o sol estava posto.*

Lila foi poeta lírica, quando falava de sua terra Quaraí - de noi-

tes brancas, lendas mágicas, a terra da Salamanca do Jarau - e quando falava de seus entes queridos: Eles estão além, num endereço incerto e em solidão. E eu transformada em um animal tranqüilo, sem alma e com razão.

Mas Lila era, acima de tudo, audaciosa e revolucionária, quando falava de sua luta contra a opressão, quando falava de seus companheiros, como nos versos finais do poema “Primeiro de Maio”: *Morreram, quem disse se vivos estão. Não morre a semente lançada na terra. Os frutos virão!*

Houve uma grande conspiração do “silêncio” em relação a Lila Ripoll, sem dúvida a maior poeta do Rio Grande do Sul. “Silêncio” promovido por aqueles que pretendiam calar toda e qualquer rebeldia ou contestação social. Mas ela não foi esquecida. Foi lembrada por Cyro Martins, Mário Quintana, Valmyr Ayala, Manoelito de Ornelas, João Batista Marçal e tantos outros que, junto com Lila, escreveram importantes páginas na vida cultural e política do nosso Estado.

A obra de Lila Ripoll tem uma grande força lírica e está impregnada de profundo conteúdo social. Ela era a poeta da resistência e da esperança, que combateu com destemor toda forma de exploração e opressão. Nunca titubeou em enfrentar de peito aberto os duros embates sociais de sua época. E, mesmo nos tempos de chumbo (como ela os chamava), continuou lutando por “pão e liberdade”, contra a opressão e contra a doença que a levou em 7 de fevereiro de 1967.

Lila queria quebrar grilhões e escrever igualdade em todos os muros! Sua poesia, com profundas raízes na nossa realidade, tem significado universal.

Deputado Estadual Raul Carrion
Líder do PCdoB na ALERS

***LILA RIPOLL
VIDA E OBRA***

Nasceu em Quaraí (RS) em 12 de agosto de 1905. Em 1927, deixou sua cidade para estudar em Porto Alegre, onde diplomou-se pela Escola Complementar de Porto Alegre. Formou-se pianista no Conservatório de Música (hoje Instituto de Artes da UFRGS), onde tinha planos de dedicar-se à vida de concertista. Nesta época, colaborou com a Revista Universitária, publicando seus poemas.

Em 1930, Lila ingressou no magistério estadual e lecionou Canto Orfeônico no Grupo Escolar Venezuela, no bairro da Glória, onde compôs a letra e a música do hino da escola. A partir desta data passou a integrar o grupo de escritores gaúchos que ficaram conhecidos como a Geração de 30: Reynaldo Moura, Athos Damasceno, Manoelito de Ornellas, Vidal de Oliveira, Mario Quintana, Ovídio Chaves, Dyonélio Machado, Carlos Reverbel e Cyro Martins.

Em abril de 1934, a partir do assassinato de seu primo e irmão de criação, Waldemar Ripoll, que militava no Partido Libertador, Lila entregou-se à defesa das causas revolucionárias.

Em 1935, ano da Aliança Libertadora Nacional, Lila, que era admiradora de Luiz Carlos Prestes, intensificou sua participação na Frente Intelectual do Partido Comunista. Começou então sua militância no Sindicato dos Metalúrgicos, junto com Eloy Martins, onde dirigiu o departamento Cultural, deu aulas de música e literatura, encenou peças de teatro e fundou o Coral dos Metalúrgicos.

Estreou em livro, em 1938, com 'De mãos postas', pela Livraria do Globo.

Em 1941, publicou 'Céu vazio', pela Livraria do Globo, com a qual ganhou o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras.

Casou-se com Alfredo Luís Guedes em 1944. Em 1945, com a legalização do Partido Comunista, após a queda do Estado Novo, Lila aumentou sua militância política. Dedicou-se a todas as cau-

sas relacionadas aos direitos e à promoção do operariado.

Em 1947, publicou 'Por quê?', no Rio de Janeiro, pela Editora Vitória, porta-voz da intelectualidade comunista brasileira.

Após a morte de seu marido de derrame cerebral, ocorrida no mesmo ano, dedica-se ainda mais ao trabalho de mobilização popular do Partido Comunista.

Lila foi candidata a deputada estadual pelo Partido Comunista, enfrentando forte reação da elite conservadora, que dificultou sua eleição, em 1950.

Em 1951, participou do comitê editorial da Revista Horizonte, órgão do núcleo intelectual do partido, cujo secretário foi Laci Osório. Em torno da Revista Horizonte surgiu o Clube de Gravura do Rio Grande do Sul, a associação que mais marcou as artes plásticas do Estado. Nestes anos, também lançou 'Novos Poemas', nos Cadernos da Horizonte, que evocam o fuzilamento de líderes de uma passeata operária na cidade de Livramento. Com esta obra ganhou o Prêmio Pablo Neruda da Paz, outorgado pelo Conselho Mundial da Paz, com sede em Praga.

No mesmo ano, como presidente da seção regional da União Brasileira de Escritores, Lila organizou o 4º Congresso Brasileiro de Escritores, em Porto Alegre, com a presença de Graciliano Ramos, Barão de Itararé e Aderbal Jurema, entre outros autores conhecidos.

Em 1953, Lila participou, em Buenos Aires, do Encontro Internacional dos Partidários da Paz.

Publicou 'Primeiro de Maio', em 1954, poema testemunho do massacre acontecido no Dia do Trabalhador, em Rio Grande (RS), quando a polícia metralhou os integrantes da parada cívica.

Colaborou com 'A Tribuna', órgão do Partido Comunista em 1955. Neste mesmo ano, viajou a Moscou e Stalingrado, na ex-União Soviética, onde participou de um Congresso Internacional dos Partidários da Paz, como integrante da Delegação Cultural Bra-

sileira, a convite do Partido Comunista Central.

Em 1957, publicou 'Poemas e Canções', nos Cadernos da Horizonte.

Lilia estreou no teatro São Pedro sua peça 'Um colar de Vidro', dirigida por Luiz Carlos Saroldi, em 1958. Montou também 'Orfeu da Conceição', de Vinicius de Moraes, estrelada por Delmar Mancuso.

Incentivada por intelectuais cariocas ligados ao Partido Comunista, publicou 'O Coração Descoberto', no Rio de Janeiro, em 1961.

Em 1964, nos primeiros dias do golpe militar, é presa, mas libertada em seguida, pelo estado avançado de câncer em que se encontrava.

Em 1965, escreveu 'Águas Móveis', poemas inéditos.

Pelos esforços do poeta Walmyr Ayala, a Editora Leitura, em convênio com o INL/MEC, lançou 'Lila Ripoll – Anatologia Poética', dias antes de seu falecimento, em 7 de fevereiro de 1967, em Porto Alegre, vítima de câncer. Lila foi enterrada no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia pelos companheiros do Partido.

POESIAS VENCEDORAS

1º Lugar: Marco Afonso Ginar de Araujo

QUEBRANTO DE POETA TRISTE

Mirava o tempo através da alma
Que embaçava pelo pranto
Era recanto da lembrança infinda
Quebranto de poeta triste

Mirava a rua pela porta fria
Que escancarada se debatia
Nos braços da tempestade
Que sufocava noite e poesia

E assim brotavam as palavras
Livres de qualquer corrente
Presentes, vivas e dementes

E assim brotavam rimas
Reticentes, duras, complacentes
Bêbadas, dissonantes, dissidentes

* Marco Araujo nasceu em Rio Grande (RS), é compositor, cantor e instrumentista. Pesquisador incansável e um dos responsáveis pela recuperação e divulgação da “cultura litorânea” de nosso estado. Registra uma marca de 100 canções gravadas e 70 prêmios nos festivais de música do sul do Brasil. Em março de 2004, com ‘Lembrança Livradeira’, venceu a 10ª Edição do Canto da Lagoa, festival nacional de MPB, realizado na cidade de Encantado (RS). Como poeta, participou da Antologia Giribanda, trabalho que reuniu vários poetas riograndinos. Publica sua obra nos sites Recanto das Letras e Alma de Poeta e integra o grupo Raiz da Poesia. Em 2005, além de ganhar o prêmio de Melhor Melodia, vence a Linha Livre da Califórnia da Canção de Uruguaiana, com a canção ‘Velhos Amigos’. Apresenta-se, em 2006, no Palco Principal do Festival Internacional de Cosquin, na Argentina, juntamente com Roberto “Poca” Yupanqui, filho do grande Atahualpa. Prepara o lançamento do CD Mar de Dentro pelo Fumproarte.

2º Lugar: Haydée Schlichting Hostin Lima

NOTÍCIAS MATINAIS

Pairamos sob a intensa névoa:
a cidade é trágico engano
existimos para que as manhãs
nos vejam pelos espelhos
nos nomeamos vivas e aí somos.

Vultos querem beber na nossa taça malsã
e uma atmosfera curiosa envolve a praça vazia.

Somos órfãs pequenas incendiárias
lápides a serem escritas. Loucas por manchetes
vamos aos noticiários igual lobas famintas.

Sem nenhuma vergonha explodimos nas salas
dos desiludidos e ninguém atenta
para o crime que cometemos.

*Haydée Schlichting Hostin Lima nasceu em Paranaguá (PR). Aos 5 anos veio com a família para o Rio Grande do Sul. Formou-se em História e foi professora da rede Estadual. Frequentou a Oficina Literária do Profº Dr. Orlando Fonseca, da Universidade Federal de Santa Maria. Em 2004, lançou o livro de poemas 'Coração Guepardo' e, em 2007, 'Telhado de Vidro', também de poemas. Tem participação em mais de 20 coletâneas. Em outubro de 2007 lança, com outros autores, o livro infantil 'Encanto de Criança'. É premiada em concursos nas cidades de Santana do Livramento, Santa Maria e Porto Alegre. Atualmente é Presidente da Casa do Poeta de Santa Maria, da qual é sócia-fundadora.

3º: Lugar: Sizinio Hebert

SILÊNCIO

Entre uma onda e outra

Silêncio

Entre um silêncio e outro

Arrebento

* Sizinio Hebert é médico, nasceu em Porto Alegre (RS). Participou de várias publicações de poesia e contos. É autor do livro 'Pedacos da Noite', 1999, Ed. Movimento. Teve suas poesias publicadas no livro 'CRISOL', 2002, publicação do Centre Recherches Iberériques et Ibero-Americaines de L'Universitté Paris X, Sorbone. Teve poesias premiadas em concursos literários e publicadas em suas respectivas coletâneas em 1998 e 1999. É autor e editor de quatro livros médicos da sua área de atuação, Ortopedia, pelas Eds. Artmed (RS) e Artes Médicas (SP), assim como participação em capítulos de vários livros médicos publicados no país.

1ª Menção Honrosa: Celia Maria Albino Maciel

MÃE-DOCEIRA

A mãe andava de avental pela cozinha
os guris brincavam no quintal com carrinhos
de latas velhas de azeite. A mãe era doce
quando fazia glacê branco bolo com recheio
e quando fazia de conta que xingava os filhos.

Eu ia para janela cansada de lamber raspas de
leite condensado. Jamais sonhei a tristeza feito
calda grossa enquanto ela via o ponto do açúcar.

Mas nas sombras a tristeza escorria escaldante
e densa pelo meio dos dias que viriam anos depois
e que nos fez – os irmãos – perdidos uns dos outros
e da mãe-doceira para sempre.

* Célia Maria Maciel é natural da cidade de Cachoeira do Sul (RS). É jornalista e educadora. Formada em Ciências Sociais, Letras e Jornalismo. Coordena oficinas de literatura e poesia infantil. É assessora de imprensa do Conselho Estadual de Educação e colabora no Jornal do Povo, de Cachoeira do Sul.

2ª Menção Honrosa: Jorge Manuel D’Almeida Costa Melo

MEUS MEDOS

Meu medo
é que a felicidade
chegue um dia
à minha porta,
bata, e dê a volta,
porque não
pude atendê-la...
Meu medo
é que o luar,
e as estrelas
abandonem o planeta,
e os poetas,
desolados,
amanheçam na sarjeta...

* Jorge Manuel D’Almeida Costa Melo nasceu em Viseu/Portugal. Naturalizado brasileiro, reside em Porto Alegre. Engenheiro agrônomo, poeta e compositor. Venceu como letrista vários festivais de música nativista no Rio Grande do Sul e nacionais, como o famoso Festival Shell, em São Paulo. É colaborador da Seção Almanaque do jornal Zero Hora, onde teve inúmeras poesias publicadas. Tem mais de 50 composições gravadas.

3ª Menção Honrosa: Sérgio José Becker

PASSARINHOS

No morro em que me criei,
a doença da droga
chegou antes
da fartura do pão.

Indiferentes a esta tragédia humana,
Bem-te-vis,
aninhados nas copas das árvores,
cantam seu canto
dando sonoridade
à preguiça do Verão.

* Sérgio Becker nasceu em Porto Alegre, em 1945, foi aluno marista no Colégio Nossa Senhora da Assunção e do Colégio Júlio de Castilhos, o Julinho. Fez o Centro Preparatório de Ofícios da Reserva (CPOR). Coursou Jornalismo, na Universidade Federal do RS (UFRGS), e começou sua carreira de repórter na Folha da Tarde, no “pesado” ano de 1969. Considera o período de sete anos da década de 70, em que foi repórter da Sucursal de Porto Alegre, de O Estado de São Paulo, o Estadão, o seu melhor momento profissional. Editou quatro livros: ‘Porto Alegre Solo Sagrado’, ‘O Melhor do Osso’, ‘Porto Alegre Centro Cultural’ e ‘Manchetes Desafinadas’. Conquistou, nos últimos cinco anos, três menções honrosas: no I Concurso de Poesia realizado pelo Instituto Popular de Arte-Educação (IPDAE), com a poesia ‘Perfume’, no quinto Concurso de Contos do IPDAE, com o conto ‘Querida Adriana’ e no Concurso Lila Ripoll de Poesia da Assembléia Legislativa.

4ª Menção Honrosa: Mauro Otto Galvão

O PRESENTE

se eu ganhasse uma agenda:
nela eu anotaria todos os meus descompromissos
apontaria as horas dos deslizes menores
marcaria encontro com o acaso, com a sorte
e com o imprevisto.

levaria anotado o telefone do disk-hipocrisia.
e faria registro das cotações do humor,
medidas em gargalhadas/dia,
em um gráfico formato pizza calabresa gigante.

a partir desse dia por certo me comportaria
como um executivo da Epicuro's Corporation:
quebrar paradigmas, promover mudanças,
gerenciar meu tempo e ser dono de mim.

* Mauro Galvão nasceu em Santos (SP), em 1972, e vive em Blumenau (SC). Publicou os livros de poemas 'As Idades da Pedra' (Letras Contemporâneas, 1996), 'Sincretinismo' (Cultura em Movimento, 1999) e 'Pronome de Caso Clínico' (Letra d'água, 2005). Traduziu textos esparsos de Charles Bukowski, Lewis Carroll e Alejo Carpentier. Atualmente trabalha no seu primeiro romance e na formulação de projetos de política e gestão cultural.

5ª Menção Honrosa: Larí Franceschetto

IMPORTÂNCIAS

Há importância
No homem
Sem nome, com sede,
Com fome
Numa rua com nome?
Há importância
Na anônima fome
De Maria no tanque?
Nos olhos do menino
Sem brilho do vôo?
Não!
Há apenas um vácuo
Enchendo de asco
O pouco que somos.

* Larí Franceschetto nasceu no início dos anos 60, em Veranópolis (RS), onde reside. Teve seus primeiros escritos publicados no Jornal Correio do Povo, na década de 80. Foi balconista, assistente de direção de Colégio particular e barmen, em Porto Alegre. Integra mais de 50 coletâneas nacionais e internacionais, em prosa e verso. Poeta-escritor premiado nacionalmente em inúmeros concursos literários. Guia de turismo, locutor comercial e agenciador de publicidade. Tem na literatura e no Sport Club Internacional suas duas maiores paixões.

6ª Menção Honrosa: José Fernando Zornitta

CREIO EM MIM

Creio em mim, todo poderoso, responsável pelo céu e pela Terra;
Pela biosfera e por todas as formas de vida que existem nela;
Que aqui estou materializado, para cumprir com o que me foi designado;
Para acabar com a irracionalidade humana, com as injustiças e com o egoísmo materialista
E, para deixar um planeta muito melhor para os meus e para gerações futuras

Creio nos animais, nos vegetais e nos minerais,
Creio em todas as formas de vida e na perfeita ordem que vem do caos

Creio na inteligência dos átomos, nas ondas eletromagnéticas e na luz
Creio nos fungos e bactérias, nas traças e baratas; nos ratos e répteis, nos cachorros e gatos;
Creio nos elefantes e nos peixes, nas tartarugas e aves, nas árvores, em seus frutos sementes

Creio no homem e na sua sabedoria, na manifestação da plenitude da sua inteligência
(Que até então tem servido a uma irracional forma de avançar e à destruição)

Creio também que através do poder que me foi designado, posso servir de instrumento
Para lembrar a humanidade e ao homem a sua humilde missão e responsabilidade; Amém!

*José Fernando Zornitta nasceu em Porto Alegre. Ambientalista, arquiteto e urbanista. Especialista em Lazer e Recreação (UFRGS) e em Turismo (OMT/ONU-Governo Italiano), iniciou junto à Universidade de Barcelona, em 2002, curso de Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Regional (com foco no Turismo e projeto de pesquisa na América Latina e Caribe) e, estágio de Aperfeiçoamento em Planejamento Turístico na Universidade de Messina (Itália). Tem curso de Técnico de Realização Audiovisual e desenvolve atividades como artista plástico e designer. Possui livros e artigos técnicos publicados.

7ª Menção Honrosa: Gercy Oliveira Godoy

SUSSURROS

Há uma voz infinita
em toda palavra morta
busco nas vertentes
na galharia torta
nas sementes
o eco
quem sabe encontre nos charcos
nas tumbas e nas taperas
no começo de outro mundo
vagando
no vazio imenso
o verso

* Gerci Oliveira Godoy nasceu em Porto Alegre. Costureira, tem 69 anos evoltou aos estudos após os 60 anos, participando de oficinas de literatura desde então. Recebeu vários prêmios em crônica e poesia, entre eles destaca-se: Poemas no Ônibus, de Porto Alegre e Viamão, Histórias de Trabalho e Concurso Mário Quintana, do Sintrajufe. A leitura e a escrita são sua paixão e lazer.

8ª Menção Honrosa: César Alexandre Pereira

ALÉM DO ROSTO

A verdade é a outra face.

Anos a fio tentei desvendá-la
e beber seus favos de pureza.

Busquei-a entre tombos e mordanças
- Pomba que tomba apunhalada.

Que ousa, junto ao povo,
propagá-la?

Procurei-a nas cicatrizes,
na mão que arquiteta o disparo,
nos túneis de sevícias.

Fui além do rosto
e seu disfarce!

A verdade
é a outra face.

* César Pereira nasceu em Taquari (RS), em 2 de janeiro de 1934. Foi professor do SENAC. Aposentou-se como funcionário da Assembléia Legislativa do RS. Editou 'Carrossel de Cinzas' (1960), com poemas líricos e sonetos. Com 'Dardos de Ajustes' (1974) embarca na poesia social com poemas que publicou a partir de 1959, no Correio do Povo. Segue-se 'Porta de Emergência' (1989), no mesmo sentido. Foi precursor da poesia concreta e visual, tendo criado o POENÍGMA (1965), no caminho das vanguardas da época. Participou de 'Antologias' e ganhou prêmios nos gêneros poesia e conto, entre eles o Petrobras (1989). Durante dez anos participou da diretoria da Associação Gaúcha de Escritores. É membro (Sócio Efetivo – cadeira número 12), da Academia Rio-Grandense de Letras.

9ª Menção Honrosa: Márcio de Quadros

O SUMÁRIO DO TEU TEMPO

Terra, água, fogo e ar
Lava escorrendo entre tuas mãos
Queimando tua memória eletro-ácida
Beijos em cavernas escuras da infância
Montevidéu tem saudades de teus olhos
Estou sentado no parque junto ao belo cemitério
Esperando teu vestido governado pelo vento
Trazer teu corpo de carne perfumada
Para abrilhantar minha tarde sonolenta e vazia
E espero
Espero com a mesma tensão perturbadora do momento
Em que Baudelaire leu em público suas Flores do Mal

* Márcio de Quadros é natural de Novo Hamburgo (RS). Nascido em 1966, escreve poemas e contos desde os 17 anos, tendo sido selecionado nos concursos Poemas no Ônibus da Prefeitura de Porto Alegre, em 1999, e da Prefeitura de Novo Hamburgo, em 2007. Participou também, em 1991, do Grupo 5 Poetry Impressions, realizando um espetáculo que se baseava em recitais de textos próprios com trilha sonora ao vivo, apresentado no Teatro de Arena, Sala Álvaro Moreira e Teatro Carlos Carvalho da Casa de Cultura Mário Quintana e também em duas memoráveis noites, na cidade de Montevidéu (Uruguai), no Espaço Cultura Bar Junta Cadáveres. Tem como influência as mais diversas correntes da literatura, principalmente a Geração Beat, Rimbeud, Baudelaire, Lautrèmont, Murilo Mendes, Roberto Piva e Dylan Thomas, entre outros. Participa atualmente do Projeto Poesia, Ruídos & Samba, com previsão de lançamento de seu segundo CD para o primeiro semestre de 2008.

10ª Menção Honrosa: Felipe Freitag

BOLACHAS QUE ARDEM

Eram asas de borboleta. Cãndida. Gentilmente cedendo suas asas gloriosas.

Em seu leito. Enferma. Perdia as azinhas. O seu neto. Olhar lânguido, de um pequenino sopro de vida. Contemplava a velhinha com asas de borboleta. Ele sabia que não eram asas. Mas queria poder pensá-las como asas. Ela olhava-o morna.

Ela embranquecia aquele lugar. O silêncio. Existe um silêncio, de cores brancas.

Um ar brando, suspenso pelos lençóis. E pessoas silenciam-se por nada saberem da vida. Eis que algo colore o quarto. As asas da velhinha estão agora sobre a mesa.

Magníficas. Reluzem. O menino até certo ponto comedido. Alça vôo sobre as asas da avó. Pega-se de soslaio. E as devora.

São asas doces. Macias. Gostosas.

Mas que amargam os sentidos de outrem naquele lugar.

A velhinha levanta a azinha. Quase quebrada. Balança no ar.

Deixa que o menino coma a vida. Afinal, ela era borboleta. O néctar alimentou-o. Ele agora é borboleta. E a velhinha são apenas bolachinhas esquecidas na prateleira.

Lembradas ao acaso.

* Felipe Freitag nasceu em Frederico Westphalen (RS), em 17 de fevereiro de 1988. Mora atualmente na cidade de Vista Alegre. É estudante do curso de Letras. Seu mundo sempre fora repleto de cores, sabores e sensações; e é isso o que ele tenta tencionar em suas poesias, que adquirem um aspecto da vida infantil, recoberta pela maravilhosa sensação da brincadeira. Sua poesia pode ser caracterizada como intimista, social, concreta, carregada de um jugo introspectivo. Tem muita poesia pulsante e dedica-se no momento à possíveis publicações de seus poemas.

***POESIAS DE
LILA RIPOLL***

FESTEJO

Foi num primeiro de maio,
na cidade de Rio Grande.

O céu estava sem nuvens.
O mês das flores nascia.

O vento lembrava as flores
no perfume que trazia.

O povo reuniu-se em festa
pois a festa era do povo.

Crianças, homens, mulheres,
o povo unido cantava.
O povo simples da rua,
comovido se abraçava.

O mês das flores nascia
e o vento lembrava as flores
no perfume que trazia.

Foi num primeiro de maio,
de pensamento profundo.

**“Uni-vos, ó proletários,
ó povos de todo o mundo”.**

Unido estava em Rio Grande,
o povo simples cantando,

No peito de cada homem
uma esperança se abria.
Em qualquer parte do mundo

uma estrela respondia.

Era primeiro de maio
dia da festa do mundo.

O velho parque esquecido
tinha um ar claro e risonho.
Germinava no seu peito
o calor de um novo sonho.

Misturavam-se cantigas,
frases, risos, alegrias.
No peito de cada homem,
um clarão aparecia.
Surgiam jogos e prendas,
hinos subiam ao ar.
Em cada grupo uma história
alguém queria contar.

A tecelã Angelina,
vivaz e alegre cantava,
Recchia - o líder operário
ria e confraternizava.

Era primeiro de maio,
dia de festa do mundo.

Foi quando a voz calma e séria,
no velho parque vibrou,
e um convite alvissareiro
o povo unido escutou:

**“Amigos, a rua é larga.
Unidos vamos partir.
A nossa ‘União Operária’**

nós hoje vamos abrir.”

No peito de cada homem
Um clarão aparecia.
Em qualquer parte do mundo,
uma estrela respondia.

**“A casa de nossa classe,
fechada por que razão?
Amigos, vamos à rua,
e as portas se abrirão.”**

A onda humana agitou-se,
Cresceu em intensidade .
Em coro as vozes subiram
clamando por liberdade.

**“Á rua,à rua, sem medo,
unidos, vamos marchar.”**

Foi como se uma rajada
De vento encrespasse o mar.

(Primeiro de Maio, 1954)

PASSEATA

Sem demora, a passeata organizou-se.
Rompeu-se a indecisão.

Um sopro audaz passava em cada rosto,
onde os olhos falavam com estrelas,
na densa escuridão.

Espontâneas as filas se formaram
e ergueram-se a cantar.

Nas mãos erguidas, lenços tremularam,
impacientes também para avançar.

- **Quem vai na frente? Quem?** disseram vozes.
E três vultos surgiram, decididos.
Eram pedreiros uns. Outros portuários.
- Recchia, Osvaldino, Honório, Euclides Pinto -
e também Angelina, a tecelã.

E a passeata iniciou-se: “**Adiante, amigos
Avancemos sem medo. A rua é nossa.**”
Ouviu-se a voz sonoramente clara,
indicando o caminho a percorrer.

Decididos, os passos ritmados
marcaram os primeiros movimentos.

Punhos fechados,
lenços agitados,
e o vento acompanha o movimento
da marcha triunfante.

“A Bandeira na frente, companheiros”,
e Angelina surgia, erguida fina,
tocada pela luz da tarde mansa,
como um vivo estandarte a caminhar.

Os passos ritmados,
batiam sem cessar.

“Viva a classe operária. Salve. Viva!”
Era o coro das vozes a clamar.

Como um pássaro verde, muito verde,
a Bandeira voava,
revoava,
por sobre o mar humano a se espriar.

Flutuavam lenços, mãos gesticulavam.
Vozes subiam animando a marcha.
E as filas andavam sem parar.

A “União” já estava quase a aparecer
e os punhos se fechavam.
Um sopro audaz passava em cada rosto.,
onde os olhos brilhavam.

“Viva a ‘União’, companheiros, viva o povo”.
E a voz interrompeu seu entusiasmo
e um silêncio caiu, inesperado.

E logo uma palavra subiu clara,
atravessando homens e mulheres,
como um fino punhal.

“A polícia, a polícia, companheiros”.
E houve um leve arquejar. E alguém falou:

“Avançar, companheiros, avançar.”

Era Recchia investindo desarmado
E a onda contida transbordou.

(Primeiro de Maio, 1954)

AMANHÃ

Morreram? Quem disse se vivos estão!
Não morre a semente lançada na terra.
Os frutos virão.

Morreram? Quem disse, se vivos estão!
As flores de hoje, darão novos frutos.
Meus olhos verão.

Num dia, tão certo, tão claro, tão perto,
Verei pelas ruas o povo ondulando,
marchando a cantar.

Nas mãos estandartes, a febre nos olhos,
nos lábios palavras de claro sentido:

“Poder popular!”

Figuras do povo nos grandes cartazes -
Euclides e Recchia, Honório, Angelina -
que grande emoção!

As flores caindo das altas janelas,
floridas também. E as palmas ecoando
no meu coração!

O nome de Prestes, num ritmo exato,
por todos cantado, sonoro, sem manchas,
na tarde a vibrar.

As flâmulas altas, de cores variadas,
nos mastros subindo, descendo, ondulando,
e o vento a girar.

Mistura de vozes - de velhos, crianças,
De homens, mulheres, do povo nas ruas,

do povo a cantar.

A grande alegria caindo dos olhos,
Das vozes, das flores, do dia sem nuvens:
“Poder Popular!”

Num dia, tão perto, tão claro, tão certo,
Meus olhos verão.

Não morre a semente lançada na terra.
Os frutos virão!

(Primeiro de Maio, 1954)

ANGELINA

A massa resiste,
rebelde,
indomável,
erguendo muralhas,
de peitos e braços,
às frias espadas,
aos altos fuzis.

A rua tranquila,
tão cheia de cantos,
encheu-se de cinza,
de sangue e de pó.

O povo resiste
e os tiros aumentam.
Protestam as vozes
Num vivo clamor.

Respondem espadas,
fuzis apontados,
fuzis metralhando.

A massa recua,
retorna e avança
com novo vigor.

Na rua estendidos,
Euclides e Honório,
e mais Osvaldino,
fecharam seus olhos,
seus lábios calaram.

As vagas aumentam

de ódio incontido.
E há novos protestos
do povo ferido.

Alguém arrebatou
das mãos de Angelina
a verde Bandeira
que ondula no ar.

Os tiros procuram
o peito de Recchia.
E os tiros ficaram
no peito a morar.

Os olhos dos homens
refletem angústia,
revelam paixão.

Ferido está Recchia,
e há sangue no chão.

Ninguém junto ao leme,
ninguém no comando.
Vermelhas papoulas
matizam o chão.

O rosto em tormento,
cabelos ao vento,
retorna Angelina,
mais alta e mais fina.

“A nossa Bandeira,
nas mãos da polícia?”

E à luta regressa,
com febre no olhar.

Os braços erguidos,
subiam, caíam,
em meio a outros braços,
o mastro a arrastar.

E às mãos vitoriosas,
num breve momento,
retorna a Bandeira
batida de vento.

Um frio estampido
correu pelo espaço,
na rua vibrou.

Vacila a Bandeira,
vacila Angelina,
e a flor de seu corpo
na rua tombou.

(Primeiro de Maio, 1954)

(Poema sem título, 1964)

Não. Não aceito este vento
como eterno.
Nem o céu toldado
como paisagem possível.
Nem a música absurda dos tambores
quebrando o ritmo da melodia verdadeira.

Não. Não aceito a mutilação
de meu espírito.
De meus passos,
Da brasa de sonho
que arde dia e noite no meu peito.

Não. Não aceito a vida
emoldurada em formas em formas imutáveis;
as estrelas sem brilho; as vozes fechadas na garganta;
códigos substituindo pensamentos;
a neblina nos olhos; as palavras esmagadas.

Não. É preciso que amanheça.
Que se ouçam os cantos líricos
dos pássaros.
Os cantos nítidos da vida.
A voz dos homens rompendo o silêncio de chumbo.

É preciso que amanheça.
Que a música contida
irrompa caudalosa,
como um rio que deixa o leito
a procura do mar.

COMISSÃO JULGADORA

LUIZ CORONEL

Formado em Direito e Filosofia pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Ingressa na VOX Publicidade com Flávio Correa, em 1960, e permanece até 1964. Em 1971 ingressa na Letra 3 como redator e, em 1972, cria a Exitus Publicidade da qual foi diretor por mais de 25 anos. Em 1999, com Roberto Philomena e Alberto Freitas, cria a Agência Matriz, da qual é um dos diretores.

Participou do Festival Mundial de Publicidade em Gramado (RS) como Coordenador de Premiação sendo presidente do evento em 1996. Em 2001, foi eleito presidente da ALAP – Associação Latino Americana de Publicidade. Sua criação publicitária é marcada pela valorização da afetividade e emoção.

Nos EUA fez Estudos de Implantação de empresas de varejo e shopping centers. Tem seus textos e poesias publicadas em diversos países como Alemanha, Portugal, Espanha, México recebendo por estes vários prêmios. Em 1988, recebeu o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Em 2001, recebeu o prêmio Negrinho do Pastoreio da Assembléia Legislativa e Associação dos Municípios.

Acumula títulos, entre os quais, Cidadão Emérito de Porto Alegre e Cidadão Emérito de Piratini, a Capital Farroupilha. Em 2001, recebe o “Troféu Negrinho do Pastoreio” da Associação Gaúcha Municipalista como destaque literário em Poesia Contemporânea, com 43,8% de indicações da preferência de pesquisa realizada pelos outorgantes do prêmio. Ingressando na Academia Rio-Grandense de Letras em junho de 1999, ocupando a cadeira de número 26.

Há 20 anos, semanalmente, comparece a emissoras de TV com temas de Comunicação e Literatura e há dez anos tem suas poesias publicadas nos Jornais Correio do Povo e Correio do Sul da cidade de Bagé.

Como publicitário tem sua vida ligada à Companhia Zaffari, para a qual exerce atendimento e criação há 30 anos. A experiência no Setor Governamental também marca a biografia da imprensa e do publicitário.

Como compositor tem mais de 50 composições gravadas por músicos e intérpretes do Rio Grande do Sul e Brasil.

Autor de mais de 38 obras editadas, recebeu prêmios no Brasil, Espanha e México (Prêmio Nacional de Poesia, MEC, 1973, com o obra 'Mundaréu') e tem edições com participação no idioma inglês e alemão. Sua obra Portifólio Poético e Documental do Rio Grande do Sul, composto pelos livros: 'Porto Alegre que Bem Me Faz o Bem Que Te Quero', 'Cidades Gaúchas' e 'Pampa Gaúcho, a Terra e o Homem', recebe unânime aplauso. O projeto 'Dicionários' ('Dicionário Erico Verissimo - O Tempo e o Vento a Passar', 'Dicionário Mario Quintana – A Quinta Essência de Quintana', 'Dicionário Guimarães Rosa – Uma Odisséia Brasileira') amplia e concretiza uma visão editorial de maior envergadura. Atualmente realiza o 'Dicionário Machado de Assis – Ontem, hoje e sempre' e edita o 'Recreio da Segunda Infância', coletânea de sua obra entre os anos de 1975 a 1999.

POR TUDO QUE FOMOS

Às vezes eu sinto
imensa
saudade de tudo que fomos..

Éramos gomos,
da mesma fruta,
parceiros da mesma luta

Cúmplices ,no mesmo silêncio
era o tempo suspenso
na orla do mar.

Andavas descalça,
dançavas valsas,
rias de tudo e choravas por nada.

Eu pedia que a noite trouxesse
que a noite me desse
tua nudez.

As águas de um rio,não ficam na foz.
na dança dos ventos,
no giro do tempo,nada se esquece,
tudo permanece no fundo de nós.

Pelas ruas da cidade
os namorados abraçados
somos nós que seguimos
antigos caminhos.

Éramos gomos,da mesma fruta,
parceiros ,da mesma luta,
Já nada peço,apenas confesso
às vezes eu sinto,uma imensa saudade
de tudo que fomos.

ALBA VALÉRIA FICAGNA

Alba Valéria Oliveira Ficagna, nascida em Lagoa Vermelha, em 1966, reside em Passo Fundo desde 1967. Atuou como professora da rede pública estadual, nos ensinos Fundamental e Médio, com as disciplinas de Português e Literatura. Desde 2002, exerce a docência nas Faculdades Planalto – FAPLAN, em Passo Fundo, onde leciona as disciplinas de Métodos e Técnicas de Pesquisa e Trabalho de Conclusão de Curso. Também atua na Coordenação da Comissão de Avaliação Institucional e no Instituto Superior de Educação da Faculdade.

“A tarefa de valorar a estética de um texto poético não é muito confortável, pois mobiliza nossa subjetividade. Entretanto a fruição de uma poesia não, necessariamente, é uma atividade despreziosa. Não se pode dispensar o estabelecimento de alguns elementos de análise. Contudo, neste espaço, não pretendo discorrer sobre análise de textos literários, mas quero registrar a iniciativa em promover o “Prêmio Lila Ripoll de Poesias”, pois o concurso traz, em si, mérito, uma vez que possibilita a divulgação de produções poéticas, as quais, sem esse tipo de iniciativa, poderiam permanecer anônimas.

Também, tão importante quanto a produção e a publicação de poesias é a leitura das mesmas. E esta ainda carece de mais difusão, pois “desenvolver gosto por” tem uma relação muito próxima com o “acesso a”. Assim o esperado é que os leitores gaúchos aproximem-se, cada vez mais, deste tipo de texto, passando a cultivar a leitura de poesias na mesma escala (ou até em escala maior) em que cultivam textos em prosa.”

LUÍS AUGUSTO FISCHER

Luís Augusto Fischer, é gaúcho, professor de Literatura Brasileira no Instituto de Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autor de alguns livros, entre os quais “Quatro Negros” (novela) e o “Dicionário de Porto-alegrês”. Organizou as edições anotadas de “Contos Gauchescos” e “Lendas do Sul”, de Simões Lopes Neto.

“POESIA COMO SÁBIA CALMA

Resenha de livro de poesia em geral se faz assim: lê-se o conjunto, selecionam-se dois ou três poemas marcantes e representativos do conjunto, inventa-se uma ordem de apresentação, eventualmente agregando algum dado sobre a carreira do autor, e se escreve isso tudo, para convidar o interessado leitor à leitura daquela obra que se apresenta. (Não deve estar fora do horizonte do resenhista oferecer sua interpretação sobre os poemas selecionados, o conjunto, a dicção ou a família do poeta, para leitura do próprio poeta, como um feed-back que em geral os autores esperam receber, para averiguar o efeito de sua obra na cara do naufrago, acompanhando a chegada da garrafa lançada ao mar da leitura.) Mas como resenhar um livro de poesia que causa no resenhista um constante maravilhamento, um susto após outro, um desvelamento aqui e outro na página seguinte?

Esse é o caso de Viagem, espera — 40 poemas e outros escritos (Cia. das Letras), que o calejado tradutor Paulo Neves oferece agora, em sua maturidade total, reconhecível em qualquer página do discreto volume (122 páginas). Primeiro livro de poesia dessa também discreta figura, parceiro de José Miguel Wisnik em belas canções, o livro impõe sua marca central já no título, que combina pólos opostos com a tênue mediação de uma vírgula, pausa menor que um ponto, pausa que mais une do que

aparta. Combina à maneira zen, que quer descrever a tensão entre os pólos e não eliminá-la, e quer revivê-la ali na frente do leitor, metafísica instantânea (na preciosa fórmula de Bachelard). Por isso mesmo, é um livro que não deve ser lido de uma só vez, porque o efeito é esmagador: o leitor que se deixa seduzir pela controlada, precisa, brilhante, irretocável linguagem corre o risco de permanecer perplexo, soterrado, como ocorre sempre que se lê extensivamente qualquer poeta exigente.”

JOAQUIM MONCKS

Escritor, ativista cultural, analista literário, nascido em Pelotas, RS, em 29 Setembro de 1946. Deputado estadual constituinte, em 1989. Seis livros desde 1973, ressaltando o OVO DE COLOMBO, 2005. Da Academia Sul-Brasileira de Letras; da Academia Literária Gaúcha, da Casa do Poeta Rio-Grandense e da Estância da Poesia Crioula. Em 2003, assumiu a Coordenação Executiva da Casa do Poeta Brasileiro - POEBRAS NACIONAL, entidade líder do associativismo literário, com 70 sedes municipais em 18 Estados da Federação. Em SP, 2006, tomou posse na Academia Internacional Maçônica de Letras - AMIL, a qual congrega maçons escritores de todo o Brasil e dos países de língua portuguesa. Integra o Grupo que publica a REVISTA CAOSÓTICA. Jurado em festivais de música e poesia. Possui método próprio de oficinação de poesia para escritores-alunos. Reside em Porto Alegre (RS).

“O INDIGESTO NA PROSA E NO VERSO

A indignação na alma brasileira traduz-se de várias formas e roupagens, em tempos de agonia social e política.

Para os sensíveis de coração e alma os excrementos morais se traduzem em relatos para além da possibilidade do soco. Esta tradução se personifica na voz da prosa e do verso. É e amarga em sua formalidade de vocábulo revestido de sua indumentária de festa, como é da natureza da garganta metafórica.

Porque a garganta indignada produz um lirismo sem doçura. O canto truncado dos aflitos é verdadeiro, mesmo que pobre em sua desaforada aparência. Não é um objeto que se possa enquadrar dentro dos contornos da costumeira beleza, porém cumpre a função de abrir o tampão do tanque dos detritos.

O poeta abre a boca e se faz denúncia. Há tanta subversão de valores nestes tempos de cólera que a ética e a estética (antipoesia?) estão tontas qual uma bússola ensandecida.

E a voz em poesia, carregada de asco e proscrição se animaliza em visceral indigestão. Afinal, o que é o poema senão o relato triste de quem ama e se transfigura na matéria prima?

Não há como esperar belezas no lixo dos dias em que me sujo de pátria amada. Nada mais sei da linguagem do verso, porque avinagra o mosto dos amores e é fétido o olfato do apodrecimento. Não há como deixar de falar sobre o mundo dos fatos. Nós todos somos o ato-fato sobre coisas que cercam e aprisionam. Talvez a grandiloqüente manopla de Lúcifer.

O passo no sentido da crítica e da autocrítica é a flecha dos impulsivos que são sujeitos de si próprios. E a poesia em vez de doce fada é a pata claudicante de reversos e ritmos. Neste instante de amargura a garganta da criação, toda de preto sobre o branco, reza contrita a dor dos condenados a pensar.

Derrama-se o balde das emoções insepultas. O espírito cochi-

cha e o poeta panfletário bota a boca no trombone na sagrada ilusão dos puros. O poema que chora ainda sujo de sangue é um natimorto de injúrias e apreensões. É ele a espada e a escritura, testamento vário dos que não compactuam e se imolam pela Verdade, pela Paz e pela Justiça Social.

A voz dos guetos de todas as circunstâncias é um malho batendo sobre a bigorna. Havidos assim, o verso e a prosa são relatórios escandalosos, a constatação da fúria, o beijo objetivo da morte sobre o esquife da vida.

Errar por ação, nunca por omissão.”

Rio de Janeiro, na XIII Bienal do Livro, 20 de setembro de 2007, o Dia do Gaúcho.

(Do livro, inédito, DIÁLOGOS ENTRE A PROSA E A POESIA, 2006 / 2007)

DILAN CAMARGO

Nasceu em Itaqui (RS), em 31 de dezembro de 1948. Fez seus estudos primários e secundários em Uruguaiana. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFSM. Mestre em Ciência Política pela UFRGS, foi professor no Colégio Anchieta e na UNISINOS. Membro eleito do Conselho Estadual de Cultura, por dois mandatos. Foi fundador e presidente da Associação Gaúcha de Escritores e Presidente da Associação Prêmio Cyro Martins. Criou e coordenou a Oficina de Poesia do Instituto Fernando Pessoa. Publicou 'Em Mãos' (Antologia – 1976), 'Na Mesma Voz' (1981), 'Sopro nos Poros' (1985), 'Rebanho de Pedras' (1990), 'Eu Pessoa, Pessoa Eu' (1996), 'Poesia e Cidade' (Organizador – 1997), 'A Fala de Adão' (2000), 'Antologia do Sul – Poetas Contemporâneos do RS' (Organizador – 2001), 'Coleção da Poesia Gaúcha' (2005), entre outros.

Na poesia para criança publicou 'O Embrulho do Getúlio' (1989), 'O vampiro Argemiro' (1993) e 'Bamboletras' (1998), 'A Galera Tagarela' (2003). Tem peças de teatro encenadas e premiadas como 'A Casa de Suplicação' e 'A Oitava Praga'. Como letrista tem participado intensamente dos festivais de música nativista e popular do Estado e do país, e também como jurado.

PORQUE CANTAMOS?
Dilan Camargo

Cantamos porque chove sobre o sulco
e somos militantes desta vida.
(Mário Benedetti)

Se ouvimos os gritos
de uma dor universal
se ser livre ainda é um crime
tiro contra o pensamento
se já findou o milênio
e ainda matamos
se ainda lemos nos lábios
os mesmos nomes da fome
por que cantamos?

Cantamos
porque nascemos do barro
da sua matéria mutante
somos terra, água, ar
somos o fogo sutil
que brilha no arco-íris.

Se o pão das manhãs
não aquece as mãos
se empobrece o sonho
do que sempre fomos
se passam amores
e não mais amamos
se envergonha o homem
não ter o seu trabalho
por que cantamos?

Cantamos
e em nosso canto se expande
a fogueira das galáxias.
Que venham outros mil anos
aqui estamos e vamos
cantar no primeiro dia.

FOTOS



Dezenas de pessoas acompanharam a entrega do prêmio



Coral de funcionários da Assembléia apresentou-se durante premiação



Deputado Raul Carrion resgatou importância histórica de Lila



Premiação teve apresentações musicais e declamadores

Nos caminhos das lides poéticas, todas as formas são válidas em Lila - a evocativa, a lírica, a profética. É um acerto reavaliar seu trabalho, para que os jovens de hoje não resvalém no vazio dos modismos insidiosos, não se percam da verdadeira poesia, a invisível, a que toca de leve a fímbria de seus versos e permanece intacta no mundo.

(LARA DE LEMOS, NOVA FRIBURGO, novembro de 1986)